

**Trabalho 58****SINTOMAS OSTEOMUSCULARES EM TRABALHADORES DE UMA INDÚSTRIA DO POLO
MOVELEIRO DE ARAPONGAS – PR**

Aline Cristina Hirata Pinetti, M.Sc. Celita Salmaso Trelha, Dr. Leda Moreira Lima Souza.
Mariana Goeldner Grott, M.Sc.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho constitui um elemento fundamental da existência humana, é considerado o centro da vida na sociedade capitalista que se estrutura a partir dele, podendo contribuir para o bem-estar ou para a manifestação de sintomas que interferem na saúde (ABRAHÃO e TORRES, 2004; SEGABINAZZI, 2007). A saúde do trabalhador pode ser definida como o processo de saúde e doença dos grupos humanos, em sua relação com o trabalho (MENDES; DIAS, 1991).

A ampliação do processo de reestruturação produtiva, as novas formas de organização da condição e a gestão do trabalho nas últimas décadas, viabilizadas pelos avanços tecnológicos propiciaram modificações e consequências no modo de viver e adoecer do indivíduo. Essas mudanças trazem para o mundo do trabalho exigências que, em algumas situações, os trabalhadores ainda não estão aptos para desempenhar, seja por condições físicas, orgânicas e/ou emocionais, além dos requisitos inerentes da própria atividade a ser executada (HIROCHI, 2010).

O aparecimento dos distúrbios osteomusculares vem aumentando no Brasil e no mundo e devido à sua abrangência e magnitude se tornou um grave problema de saúde pública e social, sendo um dos grupos de doenças ocupacionais mais comuns. Os distúrbios musculoesqueléticos são um importante problema de saúde pública tanto nos países desenvolvidos, como naqueles em desenvolvimento, com impacto substancial na qualidade de vida e na economia devido aos custos e ao comprometimento da produtividade (BRASIL, 2001; PUNETT e WEGMAN, 2004).

O polo moveleiro de Arapongas localizado no norte do Paraná possui importante representação no PIB do município (67,31%) e no nacional de móveis (9,88%) (SIMA, 2012). O presente trabalho teve como objetivo identificar a prevalência de sintomas osteomusculares em trabalhadores de uma empresa pertencente à este polo.

2 MÉTODO

Esse estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Londrina.

Foi realizado estudo de abordagem quantitativa, descritivo e transversal com a participação de trabalhadores formais com pelo menos um ano de empresa e de ambos os gêneros. Foram excluídos os trabalhadores terceirizados, estagiários e que estavam de licença (férias ou afastamento).

Após aceitarem e assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido os trabalhadores responderam ao instrumento abordando aspectos sócio-demográficos (gênero, idade, estado civil e escolaridade) e funcionais (tempo de função, setor de trabalho, atuação em outro serviço, carga horária de trabalho na empresa e turno de trabalho).

Para identificar os sintomas osteomusculares foi aplicado o Questionário Musculoesquelético Nórdico (NMQ - *Nordic Musculoskeletal Questionnaire*). O instrumento foi devidamente traduzido e validado na língua portuguesa (PINHEIRO; TRÓCCOLI; CARVALHO, 2002). A simplicidade e os bons índices de confiabilidade do NMQ indicam a sua utilização em



Trabalho 58

investigações epidemiológicas e estudos que busquem medir a incidência dos sintomas osteomusculares. Consiste em um questionário escolhas múltiplas ou binárias quanto à ocorrência de sintomas nas diversas regiões anatômicas nas quais são mais comuns. O entrevistado deve relatar a ocorrência dos sintomas considerando os doze meses e os sete dias precedentes à entrevista, bem como relatar a ocorrência de afastamento das atividades de vida diária no último ano (PINHEIRO; TRÓCCOLI; CARVALO, 2002). Nesse instrumento o trabalhador pode assinar a frequência com que é a sua dor, possibilitando as seguintes opções: única, raramente, com frequência e sempre. Para análise dos resultados foi utilizada a estatística descritiva.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra foi composta por 105 trabalhadores, sendo 63,8% homens e 36,2% mulheres, com idade média de 34,4 (\pm 11,7 anos), distribuídos em 19 setores da indústria: acabamento, administração, almoxarifado, assistência, coladeira de borda, embalagem, engenharia, expedição, furadeira, limpeza, lixa, manutenção, pátio, perfil, pintura ultravioleta, portaria, prototipagem, seccionadora e usinagem.

De acordo com os resultados dos questionários válidos, verificou-se que 47,6% dos trabalhadores relataram algum tipo de sintoma osteomuscular (dor, desconforto ou dormência) nos últimos doze meses e 37,1% nos últimos sete dias.

Um estudo realizado com trabalhadores da indústria têxtil foi encontrada a prevalência de sintomas osteomusculares de 75,2% nos últimos doze meses e 53,3% nos últimos sete dias (PICOLOTO e SILVEIRA, 2008). Numa pesquisa realizada com bancários foi observado que 60% da amostra mencionaram dor músculoesquelética no último ano e 43% referiram nos últimos sete dias, sendo que 40% relacionaram esta dor com a atividade que executa no trabalho.

Em relação à localização anatômica do sintoma osteomuscular relacionado aos últimos 12 meses antecedentes à pesquisa, 20,95% relataram dor com frequência ou sempre em braços, seguidos de 20% em punhos/mãos/dedos, 20% em região lombar e 18% em ombros. Em relação à última semana antecedente à entrevista, 20% relataram dor com frequência ou sempre em punhos/mãos/dedos, 19,05% em ombros, 16,19% em região lombar e 13,33% em braços. Observou-se que nos últimos 12 meses e nos últimos 7 dias as regiões corporais mais relatadas pelos trabalhadores foram as mesmas, apresentando mudança apenas no percentual de prevalência conforme demonstrado na tabela 1.

Tabela 1 – Prevalência de sintomas osteomusculares (relato com frequência e sempre).

	Últimos 12 meses	Últimos 7 dias
Braços	20,95%	13,33%
Punhos/mãos/dedos	20%	20%
Região lombar	20%	16,19%
Ombros	18%	19,05%

Fonte: Elaborado pelos autores



Trabalho 58

Esses dados demonstram que os sintomas osteomusculares nos trabalhadores estavam principalmente relacionadas com estruturas corporais do membro superior (ombros, braços, punhos, mãos e dedos).

Em relação a prevalência desses sintomas osteomusculares nos setores foi observado que tanto no último ano, como na última semana foi observado que setor de coladeira de borda teve uma prevalência de 50% de sintoma em punhos/mãos/dedos, enquanto o setor de acabamento teve uma prevalência de 43% de sintoma em região lombar e o setor de usinagem apresentou prevalência de 33% de sintoma em ombros. Os braços foram a única região corporal que não teve o mesmo setor com maior prevalência nos dois momentos questionados, ou seja, quando analisado os últimos 12 meses foi o setor de lixa que apresentou maior prevalência com 44% e quando analisado o período da última semana foi o setor de usinagem que teve maior prevalência com 33% de sintoma em braços (Tabela 2).

Tabela 2 – Prevalência de sintomas osteomusculares (relato com frequência e sempre) nos setores no último ano e na última semana.

	Últimos 12 meses	Últimos 7 dias
Braços	Lixa (44%)	Usinagem (33%)
Punhos/mãos/dedos	Coladeira de borda (50%)	Coladeira de borda (50%)
Região lombar	Acabamento (43%)	Acabamento (43%)
Ombros	Usinagem (33%)	Usinagem (33%)

Fonte: Elaborado pelos autores

A maior prevalência de sintomas osteomusculares nesses setores pode estar relacionado as exigências físicas impostas pelas atividades desempenhadas nesses postos de trabalho. As atividades realizadas pelos trabalhadores requerem do funcionário a manutenção de posições fixas por períodos prolongados e esse tipo de atividade favorece a instalação de fadiga muscular, sendo que uma exigência prolongada e excessiva acaba conduzindo também ao surgimento de lesões (MENDONÇA, ASSUNÇÃO, 2005).

4 CONCLUSÃO

Os trabalhadores analisados apresentaram elevada prevalência de sintomas osteomusculares que acomete principalmente membros superiores e região lombar, o que leva a concluir que existe a necessidade de medidas preventivas para evitar esse quadro apresentado.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, I.; TORRES, C. Entre a organização do trabalho e o sofrimento: o papel de mediação da atividade. **Revista Produção**, v.14, n.3 São Paulo Set./Dez. 2004.

BRANDÃO, A. G.; HORTA, B. L.; TOMASI, E. Sintomas de distúrbios osteomusculares em bancários de Pelotas e região: prevalência e fatores associados. **Rev Bras Epidemiol**, v. 8, n.



Trabalho 58

3, p. 295-305, 2000.

BRASIL. Ministério da Saúde. Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde. Brasília, DF; 2001.

MENDES, R.; DIAS, E. C. Da medicina do trabalho a saúde do trabalhador. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 25, n.5, p.341-9, 1991

MENDONÇA H.P.J. Assunção AA. Associação entre distúrbios do ombro e trabalho: breve revisão da literatura. **Rev Bras Epidemiol**, v. 8, n.2, p.167-76, 2005.

HIROCHI, T.L. Trajetória de trabalhadores que buscam o centro de referência em saúde do trabalhador - CEREST -no município de Betim – MG. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas como requisito para a obtenção do título de mestre. Campinas, 2010.

PICOLOTO, D.; SILVEIRA, E. Prevalência de sintomas osteomusculares e fatores associados em trabalhadores de uma indústria metalúrgica de Canoas – RS. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13, n. 2, p. 507-516, 2008

PINHEIRO, F. A; TRÓCCOLIA, B. T.; CARVALHO, C. V. Validação do Questionário Nórdico de Sintomas Osteomusculares como medida de morbidade. **Rev Saúde Pública**, v. 36, n. 3, p. 307-12, 2002.

PUNNETT, L.; WEGMAN, D.H. Work-related musculoskeletal disorders: the epidemiologic evidence and the debate. **J Electromyogr Kinesiol**, v. 14, p. 13-23, 2004.

SEGABINAZZI, C. Identidade e trabalho na sociedade capitalista. Revista. **Textos & Contextos**. Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 2-18. Jan./jun. 2007.